

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

18. Anno

25 de Janeiro de 1895

XVIII Volume — N. 679



FELIX FAURE, NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

(Copia de uma photographia de Ladrey Deideri)



CHRONICA OCCIDENTAL

Graças a Deus que já lá vai o mau tempo!

Ha quatro dias a esta parte já se sabe que coisa é sol, o que vem a ser ceu azul, o que é uma pessoa sabir a rua sem voltar para casa encharcado até aos ossos, sem encontrar no caminho um d'esses pés de vento que fazem perder pé!

O temporal acabou, ou se não acabou de todo está-nos dando umas ferriquinhas agradáveis e já não era sem tempo, que farios de chuva, de vento, d'inverno, estávamos nós até aos olhos, que os campos estavam já todos para ahí alagados, os lavradores desgraçados, as sementeiras destruídas, os jornaes a abarrotarem de noticias dos estragos, dos destroços, dos prejuizos e dos desastres dos vendavaes, e as igrejas cheias de fiéis a fazerem preces ao altissimo para que a inverneira passasse.

E graças a Deus parou!

Que não se arrependa de ter parado e que dê licença á primavera para começar a fazer os seus ensaios e o que nós desejamos!

A inverneira passou, mas o que não passou ainda foi o lugubre cortejo de doenças de occasião, que veio com ella, doenças que tem sido uma verdadeira rede varredoura para aquelles que padeciam de achaques velhos ou do terrivel achaque da velhice.

E é assim que a funebre lista da nossa ultima chronica tem que augmentar-se ainda hoje com nomes muito conhecidos e muito estimados na nossa terra.

Um d'esses nomes é o d'uma senhora muito distincta e muito virtuosa, esposa estremecida d'um dos nossos mais velhos amigos que a morte veio arrebatá-la em plena mocidade ainda a estima e ao carinho da sua hoje desolada familia, a adorada esposa de Alfredo Ribeiro.

Outro é o da sr.^a condessa de Mafra, mãe do illustre medico o sr. dr. Thomaz de Mello Breyner, sogra do eminente escriptor D. João da Camara.

Foi a *grippe* que a matou em menos de oito dias, provocando o agravamento extraordinario d'uma enfermidade chronica que ella padecia, enfermidade que pouco a apouquentava e que nenhuns receios inspirava.

Outro o da mãe do nosso collega do *Diario de Noticias*, o sr. Julio Rocha, uma santa velhinha que não pôde resistir aos gelos d'este inverno.

Outro é o nome d'um rapaz muito querido entre a primeira sociedade de Lisboa e portador d'um dos mais illustres titulos da aristocracia portugueza, o conde das Antas.

Era um excellente rapaz o pobre Fernando Antas, que toda a gente em Lisboa estimava: um excellentissimo rapaz em toda a acceção da palavra, pelas altas qualidades do seu coração, pela inteireza do seu character, pelos primores da sua educação, pela finura das suas maneiras.

Fernando da Silva Pereira era muito novo ainda: contava apenas 42 annos d'idade.

Era segundo filho do celebre conde das Antas, cujo nome fulgura tão brilhantemente nas paginas mais gloriosas das luctas da nossa liberdade, e só annos depois de fallecido seu irmão mais velho é que usou do titulo de seu pae.

Fernando Antas não tinha um unico inimigo, nem podia tê-lo, com aquelle character de fino quilate, com aquella gentileza de espirito, de maneiras, de coração, que captivava toda a gente.

Ha uns tres ou quatro annos começou a manifestar-se a terrivel doença que o havia de matar, a *angina pectoris*.

O pobre Fernando começou a definhar, a emagrecer, a não parecer o mesmo.

A consciencia do mal que o atacára deu-lhe grande abalo ao principio; entristeceu-o muito, encheu-o de saudades da esposa adorada que ia deixar tão cedo, dos filhos queridos de quem ia ter que se separar para sempre.

N'esses mesmos santos affectos de familia Fernando Antas encontrou forças para esconder essa tristeza, para apparentar uma alegria que não tinha, uma despreoccupação sobre a gravidade do seu estado, despreoccupação que não podia ter, para não atormentar com o seu soffrimento a sua querida companheira, mostrava-se alegre, jovial, fallava da doença, que o minava, que havia de mata-lo, bem o sabia, apparentando não lhe dar

importancia, e dizendo sempre que se achava melhor.

Effectivamente, n'estes ultimos mezes, Fernando Antas tinha melhorado.

Fizera no verão a estação de aguas da Felgueira e dera-se muito bem com essas aguas, mas foi bem de pouca duração.

Na quarta feira, 24, ao sair do Supremo Tribunal Administrativo, de que era 2.^o official, meteu-se n'um trem e foi para casa.

Quando lá chegou era cadáver, Morrerá pelo caminho, repentinamente, sem ter tempo de gritar por soccorro, de chamar o cocheiro para lhe acudir.

Foram immediatamente chamados médicos, mas quando chegaram só tiveram que verificar o obito.

A sr.^a condessa das Antas, desolada viuva do illustre extinto, os nossos mais sinceros e respeitosos sentimentos.

Ainda outro nome, o de João Henrique Ulrich, vice governador da Companhia do Credito Predial, estimado e opulento negociante da nossa praça.

João Ulrich era novo ainda, tinha 44 annos apenas: era muito intelligente, muito instruido, frequentara na sua mocidade a escola polytechnica.

Foi casado com a Ex.^{ma} sr.^a D. Maria Christina da Horta Ennes, já fallecida, de quem houve cinco filhos, hoje ainda todos menores, que eram todos o seu enlevo e que elle deixou entregues á tutoria do sr. conde de Casal Ribeiro (José Frederico).

O sr. João Ulrich padecia ha muito tempo de uma tísica pulmonar e não deixava antever outro deslance senão a morte, apesar de todos os cuidados e de todos os esforços da sciencia.

Ha dois mezes esse terrivel mal aggravou-se, obrigando João Ulrich a recolher-se á cama para não mais se levantar.

O fallecido deixou testamento instituindo varios legados, determinando que o seu funeral fosse muito modesto e que sobre o seu caixão se não pozessem corôas ou ramos de flores artificiaes, pedindo aos seus amigos que o dinheiro que n'isso haviam de gastar o applicassem em esmolas aos pobres pela sua alma.

Entre outras disposições o sr. João Ulrich ordenou tambem que 24 horas depois da sua morte lhe fosse dado um golpe na carotida, pelo seu medico assistente, o que se cumpriu, sendo o golpe dado pelo sr. dr. Lencastre.

João Ulrich era thesoureiro da Sociedade de Geographia e secretario da Sociedade das Casas de Asylo da Infancia Desvalida.

Pax á sua alma!

Uma boa noticia para todos que se interessam por coisas d'arte e pelo theatro portuguez: reapareceu no dia 15 do corrente mais ampliada e melhorada a *Revista theatral*, excellentissimo jornal de critica de theatro dirigida pelos nossos presados amigos os srs. Collares Pereira e Joaquim Miranda, jornal que ha dez annos suspendera a sua publicação.

Quando em 1885 appareceu pela primeira vez a *Revista Theatral* dissemos aqui desassombradamente, sem intuito de *reclame* nem sombra de favor, o que d'ella pensamos.

A *Revista Theatral* era um jornal de critica theatral serio, critica feita com consciencia, com sinceridade e com boa fé.

Hoje, ao cabo de dez annos repetimos o que então dissemos.

A frente da *Revista Theatral* figuram os dois mesmos nomes que figuravam da outra vez, os nomes de Collares Pereira e de Joaquim Miranda, que garantem ao jornal a mesma seriedade, a mesma lealdade, a mesma sinceridade e a mesma delicadeza que o tornaram tão notavel na sua primeira serie.

A *Revista Theatral* é um jornal de theatros feito unicamente para tratar de theatros, e não para elogiar a actriz fulana ou o actor sicrano, para hostilizar esta ou aquella empresa, este ou aquelle actor.

E' um jornal feito com fé e com boa fé, duas coisas que de dia para dia vão sendo mais raras.

E no meio da desorientação que vai para ahí em materia de critica theatral, é consolador ver apparecer um jornal de critica a serio, dirigido por dois homens que tem dedicado todos os seus estudos a questões de critica theatral, dois homens dignos e collaborada por todos, velhos e novos que com sinceridade, dignidade e competencia tem tratado em Portugal de assumptos de theatro.

E' por isso que saudamos com alegria a reaparição da *Revista Theatral*.

Tem experimentado sensiveis melhoras, mas ainda não está de todo restabelecida; Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Amelia, e parece que augusta enferma irá passar a sua convalescença para o palacio de Villa Viçosa.

Fazemos ardentes votos pelo completo restabelecimento da gentilissima rainha.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

FELIX FAURE, NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

A demissão de Casimir Perier foi o facto mais culminante da politica universal nos ultimos dez dias.

Nada fizera prever um tal acontecimento e foi no meio da maior estupefacção que se perguntou que razões haviam podido decidir o presidente a uma resolução, tanto mais grave quanto era certo que elle não tentara acabar com a crise ministerial que existia. Todavia foi essa crise a razão apresentada na sua carta de demissão ás Camaras, declarando mais que a campanha mantida contra elle pelos seus adversarios e a impotencia a que se sentia condemnado, em presença das difficuldades da sua tarefa, que lhe não permitiam conservar-se n'um posto que só accitara com a convicção de bem servir o seu paiz.

Logo em seguida a esta demissão, as duas camaras elegeram o seu successor. Conforme a Constituição reuniram-se em assemblea nacional em Versailles no dia 17 de janeiro. No primeiro escrutinio M. Brisson obteve 344 votos e Felix Faure 216, e M. Waldeck Rouneau 185. O congresso elegeu M. Felix Faure por 430 votos contra 361 em favor de M. Brisson.

O novo presidente da Republica Franceza, nasceu em Paris a 31 de janeiro de 1841. Tem pois, cincoenta e quatro annos de idade. M. Felix Faure é armador e negociante no Havre e antigo presidente da camara de commercio d'essa cidade, foi durante a guerra franco-prussiana commandante d'um batalhão da guarda movel e mereceu n'esta qualidade a cruz da Legião d'Honra.

Entrou na vida politica em 1881 como deputado do Sena inferior e constantemente reeleito desde essa época, tem tomado uma parte muito activa nas discussões parlamentares onde dispendeu a sua alta competencia em muitas questões importantes. Foi tres vezes vice-secretario de Estado das colonias, nos gabinetes Gambetta, Ferry e Tirard e era vice presidente da camara quando accitou no ministerio Dupuy a pasta da Marinha.

O PROCESSO CASTILHO

Como é geralmente sabido foi a guerra civil no Brazil a causa dos lamentaveis acontecimentos que desde o dia 11 de março de 1893 se desenvolveram n'uma serie enorme até 12 de janeiro do anno corrente.

Devemos todavia dizer precisamente o motivo em que se fundou o governo portuguez para manter sob prisão o commandante das forças navaes portuguezas no Rio de Janeiro, sr. Augusto de Castilho, accusando-o na presumpção de haver violado as leis do paiz, nos actos que praticára em exercicio do seu commando.

Faltos de viveres e munições de guerra, estenuados por uma lucta porfiada, abatidos pelos trabalhos de successivas collisões temerosas, os insurrectos brazileiros pediram asylo ao sr. Augusto de Castilho. Seguindo os mais justos dictames, n'aquelle transe supremo, não só do Direito e da razão como tambem da Força, accedeu humanitariamente Castilho ao instante pedido que centenas de homens, irmãos seus pelas tradições, pela religião e pela lingua, reduzidos á mais terrivel e espantosa das situações lhe imploravam.

Concedeu. E essa concessão foi justissima na esphera do Direito Internacional e na alçada do coração humano e portuguez. Era a bandeira nacional que competia defender em tão desesperado

momento aquelles cujas terras que os alimentavam e a que deram a vida por ella haviam sido descobertos.

Não o intendeu assim o governo portuguez que não hesitou em proclamar o heroico capitão de fragata sr. Augusto de Castilho culpado, accusando-o de ter prometido criminosamente asilo aos insurrectos.

Esta accusação manteve-se e o nobre commandante foi sujeito a um conselho de guerra. Então ali mais uma vez e definitivamente, nitidamente brilhou em todo o seu esplendor a benemerita accção praticada, o feito honroso que acarretou ao sr. Augusto de Castilho, a par dos maiores desgostos, por sua parte o mais profundo respeito, a mais incondicional admiração ao seu character por parte de todo o paiz e estrangeiro.

Foi no dia sete do presente mez que houve a primeira sessão do tribunal de guerra e marinha composto pelos venerandos srs. contra-almirante Allemão de Mendonça Gisneiros, capitães de mar e guerra Pedroso Esteves de Freitas e Alvaro Rodrigues e capitães de fragata Roquette e Brito Capello, sendo juiz auditor o sr. dr. Sarmiento Osorio e promotor o capitão de fragata sr. Joaquim Lopes Banhos. Foram largas as sessões, em numero de cinco e notaveis os debates. A defesa dos réos srs. Augusto de Castilho e Annibal Oliver foi mantida brilhantemente em toda a sua verdade incontestavel pelos advogados srs. drs. Eduardo Alves de Sá e Lopes Vieira.

Esse tribunal interregissimo comprehendendo a innocencia absoluta dos réos intendeu em sua consciencia que devia sem a menor hesitação absolvel-os unanimemente. E assim fez com grande justiça.

Registando este facto historico, archiva-o O OCCIDENTE apresentando aos seus leitores os retratos dos personagens que maior e mais importante papel tiveram n'este julgamento.

Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha, capitão de fragata, que em 29 de maio de 1844 foi preso e recolhido ao quartel de marinheiros da armada, é um dos mais distinctos officiaes superiores de nossa marinha de guerra e descende de uma familia illustre, pois é filho do grande poeta Antonio Feliciano de Castilho, visconde de Castilho.

Nasceu em Lisboa a 10 de outubro de 1841. Logo no começo dos seus estudos deu as maiores provas da sua bella intelligencia, prometendo muito. Na Escola Polytechnica e na Escola Naval foi um alumno laureado, conquistando geraes applausos dos seus professores. Antes mesmo de terminar o tirocinio escolar acompanhou uma expedição que foi a Angola. Declarado aspirante em 22 de setembro de 1855, partiu a 18 de maio de 1861 para a estação naval de Goa, onde no anno seguinte recebeu a patente de guarda marinha. Graduado 2.º tenente da armada em 24 de outubro de 1862, o distincto official alcançou a effectividade n'esse posto a 20 de abril de 1864 e foi n'essa data que voltou a Portugal.

Successivas viagens e commissões importantes o offastaram para longe da patria repetidas vezes. Foi commandante dos vapores *Quelimane* e *Tete* e governador de Inhambane por decreto de 27 de agosto de 1874.

Por decreto de 12 de maio de 1875 foi nomeado para o governo de Lourenço Marques e sempre affirmou o seu alto empenho e dedicacão pelos interesses das colonias. Em 1875 foi promovido a capitão-tenente e em 1879 voltou a patria, sendo eleito deputado as côrtes.

Dedicando-se com afincio aos estudos economico-ultramarinos, o conselheiro Augusto de Castilho, tem escripto bastante, já traduzindo para inglez as obras do seu padrinho, Alexandre Herculano, já em valiosos trabalhos originaes de que o OCCIDENTE tem tambem offerecido provas aos seus leitores.

O sr. Augusto de Castilho é commendador das Ordens de Christo, Torre e Espada e Aviz, cavalleiro da Legião d'Honra e muitas outras condecorações que synthetizam o valor do illustre homem de mar.

ANNIBAL OLIVER tenente da armada, é um official muito novo e sempre tem merecido as melhores

referencias. É natural de Lisboa, tem trinta annos e é filho de Melchior Oliver.

Levado a este conselho, accusado de não haver impedido a fuga dos asylados de bordo do vapor *Pedro Terceiro*, a discussão mostrou a impossibilidade em que se viu de impedir essa fuga, sendo plenamente absolvido pelo tribunal que assim lhes restituiu a liberdade e as garantias que não desmerecera.

A estes dois accusados defenderam com o mais alto prestigio da sua palavra erudita os distinctos advogados srs. Alves de Sá, e Lopes Vieira, o primeiro por parte do conselheiro sr. Castilho e o segundo por parte do sr. Oliver.

DR. EDUARDO ALVES DE SÁ é filho do fallecido presidente do supremo tribunal, o illustre jurisconsulto visconde de Alves de Sá. Nasceu em Lisboa no dia 2 de dezembro de 1849. A sua carreira academica começada muito cedo é distinctissima, fez o curso em quatro annos. Matriculou-se em Direito no anno lectivo de 1866-1867 e formou-se em 1871, doutorou-se em 1872.

Desde que estabeleceu banca de advogado em Lisboa, tem lhe sido sempre confiadas as questões judicias mais notaveis e interessantes pela sua graidade.

Querer citar os innumeros processos celebres, em que se tem tornado tão conhecido pelo seu talento e saber, é tarefa difficil.

Quasi todos os que tem defendido são tão importantes que não é facil esquecerem-se.

Em todas as questões tem desenvolvido uma excepcional capacidade de trabalho e demonstrado um grande talento e erudição.

É um espirito superior, e as suas theorias tem-o levado a fundar uma escola portugueza de Direito de importante iniciativa scientifica.

Tem renovado o Direito com os processos experimentaes orientados pela philosophia positivista.

O dr. Alves de Sá a par do seu espirito fino e argucioso possui um coração e uma alma de verdadeiro artista. É um amator distinctissimo de pintura de figura de que conhecemos trabalhos seus de muito valor.

A sua vida está cheia de dedicações e sacrificios e d'essas abnegações lhe tem provindo uma tal sympathia que o torna querido. Não é espaventoso nem a publicidade lhe agrada; todavia muitos dos seus trabalhos tem sido impressos só com o fim da utilidade que indiscutivelmente tem apresentado.

DR. AFFONSO XAVIER LOPES VIEIRA tem cerca de quarenta e cinco annos de idade. Matriculou-se na Universidade de Coimbra em 1869, fazendo um curso brilhante e concluindo a sua formatura com *distinções e accessit*, no anno de 1874.

Em seguida estabeleceu banca de advogado em Leiria, d'onde é natural e onde seu pae o dr. José Lopes Vieira da Fonseca fora, como seu filho já o é, um advogado distinctissimo.

Em Leiria e nas comarcas proximas que mais assiduamente frequentava, Alcobça, Caldas da Rainha, Porto de Moz, Villa Nova d'Ourem, Ancião, Pombal e Figueiró dos Vinhos, deixou o sr. dr. Lopes Vieira o seu nome vinculado ás causas criminaes mais importantes que alli se debateram até 1883.

Quando em janeiro de 1884 sahiu de Leiria para Lisboa o sr. dr. Lopes Vieira, foi grande a sympathia que alli deixou pela sua conducta.

Em Lisboa encontrou o distincto e illustre advogado um meio mais amplo para a sua actividade de trabalhador indefeso e aqui abriu o seu escriptorio n'esse mesmo mez de janeiro.

Dedicando-se exclusivamente á vida do fóro, conseguiu em alguns annos, á custa do seu esforço e perseverança, conquistar uma clientella distincta.

O sr. dr. Lopes Vieira alta ás brilhantes qualidades de um perfeito advogado primorosos dotes de cavalleiro distincto no tracto e coração generoso. Patrocinando a causa do tenente Oliver demonstrou a sua larga experiencia na advocacia, a sua palavra fluente, colorida, atrahente e dominadora.

A BELLEZA DOMINANDO A FORÇA

O artistico grupo que a nossa gravura representa é uma d'aquellas obras primorosas em que a escultura mostra quanto póde.

Para acompanhar esta estampa muito se poderia dizer pois que o thema é bastante apropriado a subtilizar-se. Restrinjamo-nos a apreciar o titulo

que o auctor deu á sua obra e o qual, em portuguez merece explicar-se por nos parecer um pouco mal usado.

A belleza no sentido de formosura só póde existir quando o conjunto das formas é harmonico, pois que manter, entre si a mais justa proporção e ainda mais proprio e exacto é o symbolo como quando no caso sujeito, é constituído de forma a representar a mais alta perfeição.

É por isto que não se deve achar bem empregado o titulo de belleza applicando-se assim simplesmente á correccão das formas, ao aspecto physico. Formosura lhe deveria chamar o esculptor; na plastica a belleza está distante: a belleza não está intrinsecamente alli, tem que ser suggerida. Só se o artista contava com a admiração que, justamente merece este inspirado grupo, por parte de todo o admirador que se não negue a extasiar-se perante elle. Só é cheio de belleza o que é espiritual; a belleza não requer forma, em tudo existe e em pouco se pode ver.

O nosso classico padre Antonio Vieira quando elogiava a gentileza do corpo femenino sempre e só lhe chamava formosura. É o imperio da formosura sobre a materia e a belleza não consente ser coagida a determinada forma.

Recorramos a auctoridades. Ouçamos como Camões differencia. (LUSTADAS, canto 76, x):

Quiz aqui sua ventura, que corria
Após Ephyre, exemplo de belleza.

Já cansado correndo lhe dizia:
O' formosura indigna de asperiza
Pois d'esta vida te concedo a palma.
Espera um corpo de quem leve a alma

O bom gosto buscou um termo abstracto para a technologia da esthetica e então serviu-se do vocabulo substantivo — o Bello, e d'ahi por influencia de analogia e congruencia o dizer-se belleza quando se trata de bellas artes. Não podia o esculptor dar outro titulo ao seu formoso grupo do que este *Belleza dominando a Força* pois que não considerou a estrutura mas sim a essencia.

Que a Formosura tem muitas vezes dominado a força, isso nos espelha a historia. A formosura de tanta mulher celebre ha dominado o mais forçoso e exforçado dos heroes, ás vezes tão destemidos e valentes como o leão que no nosso grupo symbolisa a força.

Agora, diante da estampa o leitor imaginoso pense e reflecta, que a obra primorosa é bem suggestiva.

UMA HEROINA FRANCO-PORTUGUEZA

(Continuado do n.º antecedente)

III

Os portuguezes que descobriram o novo caminho para as Indias iam incitados, como é sabido, entre outros motivos, pelo desejo vivissimo de encontrarem um soberano christão conhecido pelo nome semi-phantastico de Prestes João das Indias, e entabularem com elle relações affectuosas que restabelecessem a antiga unidade da crença christã. Alem d'isso incitava os tambem a idéa de que o apostolo S. Thomé á India levára a predica do Evangelho, alli morrera martyr, mas alli deixára discipulos e fieis, que mantinham, no meio do paganismo que os rodeiava, a crença que o apostolo lhes legára. Apenas chegados, a notavel semelhança que encontravam entre muitos ritos e tradições do culto budhista e os ritos e tradições christãs fez lhes suppôr que estavam deveras entre christãos. Não tardaram a desilludir-se, mas afinal sempre acharam christãos verdadeiros, christãos da antiga seita nestoriana que tinham ido ter á India fugindo á perseguição catholica. Foram estes os christãos que elles denominaram christãos de S. Thomé, e que formavam um grupo na costa de Coromandel, na cidade de Meliapor a que os portuguezes deram o nome de S. Thomé. Alli esteve S. Francisco Xavier convertendo, ao que se diz, muitos d'esses hereticos á fé catholica, alli ergueram então os portuguezes a bandeira nacional, com consentimento do rajah de Gobonda. Passou-se isto em 1545, e os portuguezes, decididos a estabelecer o seu dominio nas costas do Coromandel como o tinham estabelecido na costa do Malabar, fortificaram a sua nova conquista, e alli se mantiveram durante mais de um seculo sem alargarem porém a sua influencia e o seu dominio, porque a ampliação do dominio portuguez sonhada por governadores como D. João de Castro, D. Constantino de Bragança e D. Luiz de Athayde, não tardou a mallograr-se, primeiro pela

O PROCESSO CASTILHO



CAPITÃO DE FRAGATA
AUGUSTO VIDAL DE CASTILHO BARRETO E NORONHA



TENENTE ANNIBAL OLIVER



DR. ALVES DE SÁ,
ADVOGADO DEFENSOR DE AUGUSTO CASTILHO



DR. LOPES VIEIRA,
ADVOGADO DEFENSOR DE ANNIBAL OLIVER

declinação das forças da metropole, depois pelo domínio hespanhol que tão nefasto nos foi no domínio colonial, e finalmente pela aparição de uma nação activa, energica, exuberante de mocidade e de energia como era a Hollanda, que ia competir com a nossa na governação do Oriente.

Mas em todo o caso por muito tempo a cidade de S. Thomé de Meliapor, exerceu um verdadeiro attractivo sobre os portuguezes que iam tentar fortuna na India. A costa de Coromandel apresentava-se cheia de fabulosas riquezas, estava mais proxima d'esses maravilhosos reinos do Extremo Oriente em que a audacia portugueza ia penetrando tambem, começando pelo Pegú, passando pelo Japão, e terminando na China, e tinha finalmente essa pequena população christã, que

constituía como que um nucleo de colonisação mais forte do que o que podia encontrar-se na costa de Malabar, onde se esbarrava sempre ou no regimen das castas, ou n'um elemento estrangeiro hostile que era o elemento musulmano. Por todos esses motivos para alli affluia a emigração europeia; os que se estabeleciam em Meliapor casavam facilmente com as filhas d'esses semicorreligionarios, que eram em todo o caso christãos e assim se formou alli uma colonia portugueza importante, e uma raça mestiça, mas em que se combinavam elementos tão finos que bem pode dizer o recente biographo de M.^{mo} Dupleix que ella representava *d'une manière remarquable le type le plus affiné de cette population d'élite.*

IV

Em 1662 atravessava o nosso dominio portuguez no Oriente o seu periodo mais calamitoso. A Hespanha, depois da paz dos Pyreneus que fizera com a França, e em que a causa portugueza foi completamente sacrificada pelo cardeal Mazarino, caia sobre Portugal ebria de vingança e de colera, querendo esmagar-nos com as suas immensas forças, e lançando contra nós um dos seus mais fortes exercitos, e um dos seus melhores generaes, D. João de Austria.

Portugal, abandonado pela França, procurava naturalmente o amparo da Inglaterra, e negociava o casamento da sua infanta D. Catharina com o rei Carlos II — Carlos Stuart — mas em troca da

simples promessa do seu apoio, o governo inglez arrencava-nos logo a cedencia de Bombaim. A Hollanda que nós conseguimos expulsar do Brazil, redobrava de esforços na Asia, e a Inglaterra, com cujo auxilio deviamos contar, apenas nos promettia a sua boa vontade para conseguir que se restabelecesse a paz entre Portugal e a Hollanda. Nunca estivera tanto a pique de se perder a nacionalidade portugueza, com o seu vasto e maravilhoso dominio ultramarino.

Como podiam pois os portuguezes, que se viam mutilados na costa de Malabar, manter o seu longiquo dominio na costa de Coromandel? Longe

vimento commercial por intermedio de companhias. Fundava-se a Companhia das Indias Orientaes, e no espirito do rei da França nasciam pensamentos seriamente hostis aos holandezes, que ousavam nas suas gazetas zombar do grande rei. Tudo isso fez com que a França enviase em 1670 uma esquadra á India commandada pelo almirante Lahaye. Achou-se este almirante em circumstancias um pouco singulares. Se tinha conhecimento das intenções aggressivas de Luiz XIV para com a Hollanda, não havia declaração de guerra que o auctorisasse a romper as hostilidades. Se o sentimento da honra nacional e o orgu-

bem recebido, e onde podesse comprar os viveres de que carecia. Só então é que Lahaye se decidiu afinal a occupar um ponto qualquer na costa da India.

Tinham-lhe sido muito gabadas as riquezas da costa de Coromandel, e a importancia da cidade de Meliapor, posto que lhe houvessem fallado ao mesmo tempo na inexpugnabilidade das suas fortificações.

Dirigiu-se áquelle sitio; como não só encontrasse difficuldades em obter viveres, mas até os seus emissarios tivessem sido insultados pelo governador musulmano, que em nome do

BELLAS-ARTES



A BELLEZA DOMINANDO A FORÇA

de Gôa, longe dos centros de resistencia portugueza, n'um momento caíria no poder de uma armada holandeza. Melhor foi fazer-se o que se fez: abandonar S. Thomé de Meliapor ao rajah que a cedera e, que ao menos consentia que alli continuassem a manter o dominio religioso. O dominio portuguez em Meliapor desaparecia, mas não desaparecia o bispado de S. Thomé de Meliapor, e não aconteceria de certo o mesmo se da cidade se apoderassem os protestantes holandezes.

Mas por essa occasião reinava Luiz XIV em França, estava-se na epoca mais florescente do seu governo, triumphavam na administração franceza as idéas economicas de Colbert, e uma d'essas idéas era a da expansão colonial e desenvol-

lho da bandeira das flores de liz lhe impunham o dever de tudo arriscar para que a França não parecesse áquelles povos orientaes um povo fraco e pusillanime, como de certo lhes pareceu quando o almirante holandez Rickloff foi castigar o Samori de Calicut por elle ter recebido affectuosamente o almirante Lahaye, quando este ainda estava nas aguas do Indústão, tinha por outro lado obrigação que lhe era imposta de em tudo se conformar com as indicações dos directores da Companhia das Indias, que esses queriam commercio e dividendos, e não guerras e balas.

Foi tão desastrada esta primeira expedição franceza que Lahaye esteve em perigo de passar fome por não encontrar porto na India onde fosse

rei de Golconda alli commandava, Lahaye empreendeu o ataque, e em dois dias lhe caía nas mãos a cidade fortificada de S. Thomé de Meliapor.

Mas Luiz XIV esquecera a sua esquadra indiana, e enquanto na Europa o exercito francez commandado pelos seus marechaes famosos, os Condé e os Turenne, inflingiam ao exercito holandez umas facéis derrotas, no Oriente as esquadras holandezas vingavam-se; Lahaye bloqueado em S. Thomé de Meliapor por uma esquadra holandeza por mar, e por um exercito do rei de Golconda por terra, abandonava a cidade para não ter que capitular depois de vinte mezes de occupação, e os numerosos portuguezes que ainda resi-

diam em Meliapor e que tinham visto com jubilo a fluctoar nas muralhas da sua antiga cidade a bandeira christianissima da França, do paiz a que pertencia a sua rainha, do rei com cuja alliança n'essa occasião mais francamente se contava, ficaram seriamente desalentados com o mallogro da occupação franceza. Foi então que esse nucleo portuguez de S. Thomé de Meliapor se dispersou um pouco; muitas familias portuguezas n'outras partes se estabeleceram, como em Madrasta, por exemplo, onde esse novo nucleo se tornou tão forte e tantos recursos deu a Igreja do Padroado, que na ultima concordata foi em Madrasta que se erigiu a sede do bispado de Meliapor, e é em Madrasta que ha oito annos reside o prelado portuguez, desfructando os largos rendimentos que lhe advém do legado de João do Monte, e d'outras doações importantissimas, com que floresceu a colonia portugueza que deu ao mundo a heroica e extraordinaria M.^{tes} Dupleix.

Porque estamos emfim no nosso assumpto.

(Continúa)

Pinheiro Chagas.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do numero antecedente)

Fuero Jusgo, traducção castelhana do livro *Fuero Judicum dos Visigodos*.

Este importante manuscrito veiu ao poder de João Alfonso Cujões, regedor de Logronho, por venda que d'elle lhe fez em 1587 um livreiro que o tinha comprado com a livraria do licenciado Cespestes. Reputa-se manuscrito do seculo IX. As suas illuminuras e miniaturas são grosseiras mas comtudo accusam menos antiguidade. Reputamol-o fim do seculo XII, e isto pela letra.

Guerra punica e vida de Sertorio por Artino Leonardo.

Este manuscrito é em pergaminho e tem algumas letras illuminadas.

Histoire Universelle. Codice em pergaminho, nada tendo de notavel em illuminuras, porém apresenta grande antiguidade. Julga-se seja dos fins do seculo XI; é escripto n'um dialecto do norte da França e em que se vê a influencia saxonica.

Hora Beata Maria Virginis. Manuscrito em pergaminho encorpado, com caracteres francezes do XIV seculo. Delicada e ricamente illuminado. Começa pelo Evangelho de S. João e seguem-se algumas orações.

Horas Beatae Virginis. Seculo XVI. Mimosissimo manuscrito, em pergaminho, oitavo francez, formosissimamente illuminado. São muito delicadas as suas finas miniaturas e extremamente illuminado offerece-nos nos seus desenhos muitas florinhas, fructos e insectos.

Tem varias estampas de pagina representando os mysterios divinos.

Outras **Horas** que são escriptas em pergaminho com caracteres grossos e mal formados do XV seculo, com estampas, iniciaes e tarjas illuminadas a côres e ouro.

Ainda n'esta vasta collecção de hyros de horas, se encontra outro que é em pergaminho illuminado com miniaturas e que não obstante o muito deterioradas que estão, mostram ser obra superior pela delicadeza do seu gosto e desenho. Os caracteres são do XVI seculo.

Hymm. *Quos in solennioribus Ecclesia festivitibus.* 1654. Este grande manuscrito, tem na primeira pagina uma miniatura representando a Virgem do Rosario guardando no seu manto os frades e freiras da ordem da sua invocação; isto no ceu.

Na terra, vê-se prostrado de joelhos um frade em extasi. O desenho não é d'uma alta perfeição. Por deante seguem-se varias letras iniciaes illuminadas e a notação da musica e letra é feita a correr.

Inferno e Paradiso por Dante Alighieri. Estimavel codice, escripto em pergaminho, a duas columnas por pagina, com caracteres italianos do XIV seculo, com as capitaes grosseiramente illuminadas.

Os canto I e II então mutilados.

Johannes Cassianus De institutis monachorum. Codice apreciavel, escripto em bom pergaminho com caracteres gothicos muito regulares do XIII seculo, a duas columnas por pagina, com as iniciaes grosseiramente desenhadas e coloridas.

Continúa

ESTEVES PEREIRA.

POESIAS DE CAMÕES

TEXTO

A HUMA DAMA VESTIDA DE DÓ

De atormentado e perdido,
Já vos não peço senão,
Que tenhais no coração
O que tendes no vestido.

VOLTAS

Se de dô vestida andais
Por quem já vida não tem,
Porque não o haveis de quem
Vós tantas vezes matais?
Que brado sem ser ouvido,
É nunca vejo senão
Cruzas no coração,
E grande dô no vestido.

Camões.

VERSIONE

Ad una dama vestita a bruno

Son sí afflitto ed invaghito,
Che vi chieggo questo solo,
Che nutriate in cor quel duolo
Che mostrate nel vestito.

SVILUPPO

Se vestita a bruno andate,
Per chi già dal mondo uscì,
Perché nol vestir per chi
Voi così spesso ammazzate?
Grido io ben, né sono udito,
Ché non vidi in voi finor
Se non crudeltate in cor,
E un gran duolo nel vestito.

Prospero Peragallo.

A HUMA MULHER AÇOUTADA POR HUM HOMEM QUE CHAMAVAM QUARESMA

AD UNA DONNA STAFFILATA DA UN COTALE PER NOME QUARESMA

Não estejais aggravada,
Senão se fôr de vós mesma;
Porque a mulher, que he errada,
Com razão pela Quaresma
Deve ser disciplinada.

VOLTAS

Querdes profano amor
Em Quaresma, he consciencia:
Açoutes e penitencia
Vós está muito melhor.
Não fiqueis d'isto affrontada,
Pois a culpa he vossa mesma,
Que mulher, que he tão malvada,
He bem que pela Quaresma
Seja bem disciplinada.

Se a penitencia vos val,
Mui bem açoutada estais;
Pois por Quaresma pagais
Vossos vicios do carnal.
Não torneis a ser errada,
Nem condemneis a vós mesma,
Pois estais já emendada,
E não sereis por QUARESMA
Outra vez disciplinada.

Camões.

SVILUPPO

Nutrir tu un profano amor
In Quaresma é coscienza;
Staffilate, e penitenza
Tí convengon meglio allor.
Non pensar che sei oltraggiata,
Chéne hai colpa tu medesima;
È una donna, ch' è sviata.
Giusto è bene che in Quaresma
Sia ben bene castrigata

Se ti giova pena tale,
Non v' ha in essa onde ti adonti;
Ché in Quaresma tu sconti
Il mal fatto in carnevale.
Non far più la scapestrata,
Né dannar più te medesima
Or che già sei emendada;
Né sarai più da QUARESMA
Di bel nuovo staffilata.

Prospero Peragallo.

A tres damas que lhe diziam que o amavam

A tre Signore che gli dicevano di amarlo

MOTE

Não sei se me engana Helena,
Se Maria, se Joanna;
Não sei qual d'ellas me engana.

Voltas

Huma diz que me quer bem,
Outra jura que me quer;
Mas em jura de mulher
Quem crerá, se ellas não crêm?
Não posso não crer a Helena,
A Maria, nem Joanna;
Mas não sei qual mais me engana.

Huma faz-me juramentos
Que só meu amor estima;
A outra diz que se fina;
Joanna que bebe os ventos,
Se cuida que mente Helena,
Tambem mentirá Joanna;
Mas quem mente, não me engana.

Camões.

MOTTO

Se m'inganni Elena ignoro,
Se Maria, se Giovanna;
Non so qual d'esse m'inganna.

Sviluppo

Dice una che il suo amore mi concede,
Un'altra giura che un gran ben mi vuole;
Ma di donna alle amabili parole
Chi crederà, se esse non ci hanno fede?
Ad Elena chiaro è che creder devo,
A Maria d'equal modo, ed a Giovanna;
Ma non so delle tre chi più m'inganna.

Non cessa una di farmi giuramenti
Che quel che solo apprezza è l'amor mio;
L'altra, che del suo core il re son io;
Giovanna, che ha per me passioni ardenti.
Or s'io sospetto ch' Elena mentisce,
Dubbio non v'ha che mentirà Giovanna;
Ma qualunque mentisca, non m'inganna.

Prospero Peragallo.

A GAZETA DE LISBOA E O DIÁRIO DO GOVERNO

O *Diário do Governo*, é hoje o jornal mais antigo que se publica no reino, pois que foi iniciado como folha official do governo portuguez logo depois da revolução de 1820. Nas dolorosas e diferentes oscillações porque passou o paiz nas luctas entre o absolutismo e o constitucionalismo desde 1820 até 1833, dois órgãos officiaes do governo appareceram em campo para lhe defender os seus actos e para darem á luz da publicidade as peças officiaes governativas. Um d'esses órgãos foi a celebre *Gazeta de Lisboa*, absolutista de nascença, velha rabujenta, creada nos primeiros annos do reinado de D. João V, sendo chanceller-mór do rei; o D. Thomaz d'Almeida, que depois foi o primeiro cardeal patriarcha de Lisboa. O outro veio, como acima dizemos, com a gloriosa revolução liberal e portanto com toda a seiva da juvenildade, prompta a combater o despotismo e a tyrannia e a derramar por sobre o paiz os beneficos effluvios da liberdade.

A *Gazeta de Lisboa* pôde dizer-se que foi como que a continuação das celebres *Gazetas* em que se relatavam as novas da guerra entre Hespanha e Portugal ferida depois da restauração do reino por D. João IV. Essas gazetas que se publicaram, com intervallos, segundo parece, desde 1641 até 1647, são chamadas da *Restauração*.

A primeira *Gazeta de Lisboa* appareceu em sabbado, 10 de agosto de 1715. Não veio precisamente com essa denominação. Trouxe na folha de rosto o titulo: *Noticia dos Estados* e no frontispicio os dizeres:

Historia annual chronologica e politica do Mundo e especialmente da Europa—Onde se faz memoria de...

Em seguida enuncia os assumptos de que se occupará, que omitimos por serem tantos que occupam toda a lauda.

Traz varias noticias nacionaes e estrangeiras, algumas nomeações feitas pelo governo portuguez e fecha com o privilegio novamente concedido, a Antonio Correia Lemos, o que denota que esse typographo já anteriormente havia tido identico privilegio para qualquer outra publicação.

O n.º 2 sahio já com o titulo da *Gazeta de Lisboa*. E' datado do dia 17 do dito mez.

Depois a publicação foi continuando regularmente até janeiro de 1760, como vamos mostrar.

Esta colleção de gazetas foi redigida por José Freire de Monterroyo Mascarenhas, considerado como o verdadeiro fundador do journalism portuguez, se bem que essa gloria pertença de direito a Antonio de Sousa de Macedo, com a publicação dos seus *Mercurios*.

As *Gazetas* sahiram semanalmente, de ordinario ao sabbado, contendo cada anno 52 a 55 numeros.

De 20 de setembro d'esse anno (1715) até ao n.º 21 de 24 de junho de 1752 cada numero e a acompanhado de um supplemento igualmente impresso na typographia de Correia de Lemos.

Parece porém que o dito impressor começou por sua conta e risco a metter-se na direcção da folha. Monterroyo queixou-se d'isso ao Desembargo do Paço pedindo para que lhe fosse concedido imprimir as gazetas onde bem lhe aprouvesse. Em vista do exposto sahio um aviso do Desembargo do Paço declarando que em consequencia de apparecerem nas *Gazetas* algumas noticias e advertencias indecentes (textual) e tendo se acabado o privilegio dado ao impressor Antonio Correia Lemos, sua magestade concedia a José Freire de Monterroyo Mascarenhas poder imprimir as ditas gazetas aonde bem lhe parecesse com a clausula porém que a *Gazeta* não excederia a uma folha de papel em cada semana.

N'esse regio aviso impunha-se á pessoa que se mettesse a imprimir algum dos ditos papeis sem auctorisação a pena de 50 cruzados, metade para a real camara e outra metade para o accusador; e de perder todos os exemplares que fossem encontrados ao contraventor.

O aviso ou alvará que isto determina sahio em 3 de julho de 1752.

Em vista d'esta regia ordem a impressão da *Gazeta de Lisboa* foi tirada da officina de Correia de Lemos e mudada para a de Pedro Ferreira, impressor de livros da corte, para o que já havia alcançado privilegio real por carta de 25 de maio de 1730, passada pela chancellarria mór (Arch. da T. de Tombo: Chanc. de D. João V, Liv. 76, fol. 302).

O primeiro numero da *Gazeta*, impresso e publicado sob a nova direcção do impressor Pedro Ferreira, foi o n.º 22, de 6 de julho de 1752.

Em 1753 continuaram as gazetas a serem publicadas ás terças feiras. Em 1755 sahiram apenas 48 numeros e dois appensos aos n.ºs 15 e 16.

Em janeiro de 1760 sahiram apenas cinco numeros contados de 3 a 31 do dito mez findando ahi a chamada colleção das *Gazetas de Monterroyo*.

* * *

Foi em 1760 que se decretou a notavel concessão do privilegio da *Gazeta de Lisboa* aos officiaes da secretaria dos negocios estrangeiros e da guerra, então aggregadas.

O decreto d'essa concessão é do theor seguinte:

«Por me constar ser fallecido José Freire de Monterroyo, a quem tinha concedido o privilegio exclusivo de fazer a *Gazeta* e mais papeis das noticias estrangeiras, fazendo a seu favor e utilidade sua o que rendesse a impressão da dita *Gazeta* e papeis, sem que outra pessoa alguma podesse mandar imprimir n'estes meus Reinos e Senhorios papeis alguns da mesma natureza, ainda que debaixo de outros titulos, nem ainda mandal-os vir de fóra, e, attendendo a que os officiaes da secretaria d'Estado da Repartição dos Negocios Estrangeiros e da Guerra não recebem de suas occupações alguns emolumentos, percebendo a os Officiaes das outras Secretarias de Estado, e o quanto lhes é proprio applicarem se á composiçáo da mesma *Gazeta* e mais papeis, e pelo seu trabalho perceberem o lucro que pôde resultar da impressáo d'ella: Hei por bem e por Graça fazer-lhes a Mercê do sobredito Privilegio de que gozava o referido José Freire de Monterroyo debaixo da inspecção do Meu Secretario de Estado da mesma repartição, para que ninguem, do dia da data d'este em diante, possa imprimir a referida *Gazeta*, e mais papeis de noticias, sem serem lavradas pelos ditos officiaes e sem consentimento do dito Meu Secretario de Estado, debaixo das mesmas penas já estabelecidas no Privilegio por mim concedido ao dito José Freire Monterroyo e aos Padres da Congregaçáo do Oratorio de S. Filippe Nery a respeito da Folhinha de Reza.»

«A Meza do Desembargo do Paço o tenha assim entendido e o faça executar, mandando passar os Despachos necessarios. Salvaterra de Magos a 23 de fevereiro de 1760.— Com a rubrica de Sua Magestade

Recomeçou pois a *Gazeta de Lisboa*. O n.º 1 d'esta serie sahio em 22 de julho de 1760.

As armas reaes que até ahi haviam encimado a folha foram substituidas por uma vinheta representando o genio da fama embocando a sua tuba da qual pende a bandeira portugueza.

Para director foi Pedro Antonio Correia Garção, poeta e prosador correcto e elegante e que tão malaventuradamente havia, por motivos que ainda hoje são mysteriosos, de morrer no fundo d'uma prisão.

(Continúa)

Silva Pereira.

SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º 577)

III

A CARTA

A nuvem passou. José Elias, com o zelo de desagravar a santidade da cathedral, maculada pelas manobras da Tintureira, resolveu dar-lhe uma abordagem, e prohibir-lhe, absolutamente, o ingresso no templo. Esta idéa, que elle expozera aos dois sacerdotes interessados no negocio, obteve fozoso applauso do conego Pestana, que lhe aconselhou ainda umas applicações de marmeleiro nos lombos da alcoviteira.

— Raça damnada! — rugiu elle. — Ande, José Elias, metta-lhe os tempos dentro, que é o que essa desavergonhada merece! Mesmo você precisa de fazer uma boa obra, para que Nosso Senhor lhe perdôe os descuidos que aqui vão, por esta sacristia.

— Lá bater, não, — protestou o sacristão. — Mas sabe v. s.ª o que eu fazia, se a coisa não des-se escandalo?... Era levar a aos tribunaes!

— Nada, nada, isso era coisa p'ra muito fallatorio. E depois, eu não sei se ha leis para isso...

— Se o sobrinho de v. sr.ª cá estivesse, o sr. Silvestre, esse é que nos podia dizer...

— Não dizia nada, que eu não quero barulhos,

já lhe disse! E o meu sobrinho Silvestre, se anda em Coimbra, a estudar, não é p'ra se vir metter n'esses chiqueiros.

— Elle quando vem doutor, oh senhor conego?

— Este anno. Lá p'ra julho, temol o ahi a abarrotar de leis. Vem viver comigo.

— E faz muito bem.

José Elias, de indagação em indagação, conseguiu encontrar a casinhola miseravel, onde a Tintureira matava os seus ocios, expondo á venda, n'um cesto de vime, que uma cadeira sustinha, fructas e gulodices de confeitaria. Esta *étalage* occupava toda a largura da unica porta que dava accesso ao casebre; de maneira que se o sacristão fosse disposto a usar as applicações de marmeleiro que o conego aconselhára, teria primeiro de derrubar esta barbacan com que a mulherzinha se defendia das fragilidades do mundo.

Mas não; José Elias era pacifico. E quando parou diante da Tintureira, que althavava uma saia atraz da sua tenda, foi tão inoffensiva a sua attitude, que ella perguntou-lhe se queria corejas bicaes, fresquinhas, ou rebuçados de avenca, excellentes para pigarros.

— Eu não venho comprar-lhe nada, — disse, vagarosamente o Elias. — Venho só dizer-lhe que se você torna a por os pés na Sé, marcha direitinha para a cadeia.

— Eu?! Olha o engano! Então eu não posso ir fazer as minhas orações para a casa do Senhor? Você esta maluco, hominho! Que tem você, que eu vá á Sé ou que deixe de ir? Você governa lá? E, então, logo cadeia! Pois não foste l... Nem que uma alma christã, não possa ir fazer as suas rezas onde é dado!...

O palavriado da mulher, gritado com coiera, impacientou o sacristão.

— Você não grite, sua bebada, porque se se pôe p'ra ahi com esses berreiros, vou já chamar um guarda. Seu diabo! pensa que eu não sei o que você lá vai fazer todos os dias, sua alcoviteira do inferno! Ora pai, e vará como eu sei dizer á policia que você anda a passar cartas de pouca vergonha no meio da igreja de Nosso Senhor!

— Eu!... Eu vou lá mas é rezar!

— Oh mulher, você não diga mentiras, que eu já nem a vejo! Olhe que eu sou o sacristão da Sé, e vi, com estes dois olhos que a terra ha de comer, você metter cartinhas debaixo das grades do altar de S. José.

A Tintureira não era mulher que se desnor-teasse com pouco; vendo-se descoberta, tomou outro expediente.

— E então? — fez ella, com voz mansa. — Elles, é p'ra o bom fim...

— Seja p'ra o que fór: é crime e é peccado! E você fique sabendo que não pôe lá mais os pés, com pena de eu fazer um escandalo.

— Socegue, hemem! você sempre tem um genio!... Eu sou mulher honrada, e se fiz o que fiz, foi por ter pena d'aquelle mocinho que andava aqui, p'ra baixo e para cima, sem fortuna nenhuma, porque a menina não apparecia.

José Elias alvoraçou-se; aquellas palavras confirmavam as suspeitas que o conego lhe communicara acerca da brasileira do Palmeirão. Como habil diplomata, disse, dispondo a phrase como uma armadilha.

— Não que a D. Florencia não é para graças! Muito boa senhora, educa a sobrinha com toda a religião.

— Pois sim, mas a menina não ha de ficar p'ra tia! Olha o arranjo! Se uma menina que tem trezentos contos de seu, nao havia de gozar a vida!...

José Elias, satisfaitissimo com o seu machavelismo, radiava. Adoçou a physionomia, e disse:

— Não digo que não. Mas se a D. Florencia se oppõe, é porque lá tem as suas razões. Além d'isso, é preciso que o homem que casar com ella, não seja p'ra ahi um lhagalhé. Ora esse mocinho...

E o sacristão ficou na reticencia, alongando o beico n'um manhoso gesto de desdem, á espera de mais revelações. A Tintureira foi prompta:

— O mocinho, benza o Deus, não parece pessoa de muitos teres, não; mas é muito linda figura de homem. Vocemecê sabe quem elle é?... Eu, a fallar verdade, trato quasi todos os dias com elle, e nem o nome lhe perguntei ainda.

— Pois nem eu, e importa-me pouco essa le-ria. O que eu quero, é que você se não esqueça do que eu lhe disse, arranje-se lá como quiz. Lá na igreja, não quero poucas vergonhas. Adeusinho.

N'esse mesmo dia, Estevam, na sua entrevista diaria com a Tintureira, soube pela bocca indignada da mulherzinha, a intempestiva diligencia

¹ Era então chanceller-mór o conde de Oeiras.

do sacristão. Este acontecimento, duplamente desagradavel por dificultar a sua correspondencia amorosa e por se ver no transe do seu segredo ser descoberto pelo pae de Clara, attribuiu dolorosamente o rapaz.

— Você disse-lhe quem eu era? — fez elle, assustando ás primeiras revelações.

— Como havia de dizer, se não sei?

— Mas, deu-lhe signaes? Disse-lhe alguma coisa da minha cara, ou da côr da minha roupa?

— Nada, não disse nada. Verdade seja que elle tambem nada me perguntou. Mas, porque se assusta tanto? Querem ver, que elle conhece o seu paesinho?...

— Sim... elle conhece... — E Estevam mascava as palavras, embarçado — Olhe, se elle tornar aqui a vir, troque-lhe as voltas; dê-lhe todos os signaes ao contrario. Por exemplo, se elle perguntar se eu sou trigueiro...

— Digo-lhe que é branco como uma clara d'ovo.

— Isso mesmo. E agora, veja lá se descobre outro meio para entregar as cartas a D. Rosalia...

— Hei de pensar... A coisa, agora, está fraca, mas eu sempre hei de arranjar. Na semana passada, entrou para lá uma creada nova, pode ser que se arranje alguma coisa. Amanhã fallamos; eu experimento:

— Olhe, eu agora, só venho aqui á noitinha, p'ra não desconfiarem. Veja lá, então, se arranja isso com a tal creada

Embora as palavras da Tintoreira fossem tranquilisadoras, o rapaz, quando regressou a casa, ia desconfiado, e a catadura do José Elias pareceu-lhe mesmo um pouco torva. Tudo imaginação. Naquelle noite, meditando no azar que perseguia o seu amor, resolveu tentar uma reconciliação com Clara, — á cautella. — Porque, monologava elle, se o Elias vinha a saber o caso e o divulgava á familia, a filha, vendo-se trahida por quem lhe promettera casamento, decerto o denunciaria, por vingança, como o insidioso profanador da sua pureza. — Arrependido já d'aquelle desvario sensual, imaginava a celeuma domestica que tal revelação provocaria. Com a breca! O José Elias, com a cegueira amorosa que tinha pela filha, era capaz de lhe dar um tiro! E todos o applaudiriam, porque a sua maldade antipathica e cruel, era ainda aggravada pela particularidade de Clara ter sido creada com elle, como irmã. Era um incesto moral, nas mais odiosas condições!

Por isso,urgia captar de novo a confiança de Clarinha, dominal-a, fazel-a vergar sob o seu amor como um escravo sob o chicote do homem que o comprou; e tendo a assia: «debaixo da mão», podia sem receio abandonar-se ás delicias que lhe proporcionava o romancesinho iniciado com a linda brasileira do Palmeirão.

Quando o seu pensamento, depois de discutir o episodio, se fixou n'este odioso plano, um relógio proximo bateu meia noite. Uma lembrança subita atravessou-lhe o espirito; era aquella hora que, no bom tempo do seu ardor por Clara, elle sahia cautelosamente do seu quarto para os braços d'ella... Que deliciosos momentos aquellos, em que o coração de ambos, palpitava do mesmo amor e do mesmo receio! — E recordando detalhes, venturas idas, uma tentação subita invadiu-o; e se elle fosse, n'aquella mesma noite surprender-lhe o somno? Era o momento mais proprio para a conciliação...

E, já resolvido, Estevam monologou com um sorriso:

— Está dito. A' sorte!

Mas no mesmo instante, duas pancadas leves soaram na porta. Elle, hesitante, esperou. Mais duas pancadas, igualmente cautelosas, se fizeram ouvir; e logo uma vozinha sibilou pelo orificio da fechadura:

— Abre!

Ceus! Era Clara!

(Continua)



REVISTA POLITICA

Talvez os nossos prezados leitores tenham pensado, ao darem pela nossa ausencia, que tambem fomos por ahí fóra, como os patriotas dos comícios, a viajar de terra em terra, por essas cheias e vendavaes, que tem levado tudo diante de si.

Por fortuna não nos fomos a viajens de exploração de incautos. Ficamos-nos, na expectativa, a vêr até onde chegava o pouco tino da chamada Colligação Liberal, que se propoz, para fazer a felicidade d'este paiz, levantar tudo e todos contra o actual governo, para que este pozesse os quartos na rua e lhes deixasse o mando a ella.

Não se pôde ser mais infeliz, nem escolher peor caminho para chegar o fim desejado.

O governo não terá procedido tão correctamente como cumpria a um governo liberal e acatador das instituições, mas a opposição tem dado as provas mais indiscutíveis da sua incapacidade, procedendo de modo tal, que todo o paiz se conservou indifferente aos seus appellos como não podia deixar de acontecer.

Com que fundamento impediu, essa opposição os trabalhos parlamentares, a ponto de ser necessario fechar o parlamento, se o paiz acaba de lhe voltar as costas, quando o convidam para comícios?

Sempre nos pareceu insensata a forma porque a opposição se conduziu no parlamento e aqui o dissemos mais de uma vez.

Não quiz discutir nada e só cuidou de obstruir, de fazer por fim desordem, como melhor meio de derrubar o governo, e a final conseguiu exactamente o contrario, porque inutilisou-se a si e deu força ao governo que combatia.

E para isto, alliam-se monarchicos e republicanos! Pois talvez essa alliança fosse a principal causa do mau successo das suas diligencias.

E em verdade que confiança podia offerecer a partidarios sinceros e leaes, esta alliança de monarchicos e republicanos.

Quaes eram os especuladores. Os que pescavam e os que seriam pescados?

Como se acertariam depois as contas?

Estes raciocinios que vem muito naturalmente, parece que não passaram pela cabeça dos patriotas colligados, e se passaram não se importaram com isso, porque se pretendia fazer uma demonstração de força e para isso todos os meios eram bons.

Pois enganaram-se completamente e parecemos que muito arrependidos devem estar os que concorreram para as arruaças parlamentares, em vez de procederem com tino e prudencia.

Se o governo abrir amanhã o parlamento, como tem obrigação de o fazer, visto o systema que nos rege, e o sr. dr. Beirão com a sua gente mais o sr. dr. Eduardo d'Abreu continuarem a perturbar o andamento dos trabalhos parlamentares, não terão sequer o direito de se queixar, se em observancia do regimento, o presidente da camara os mandar pôr fora da sala pela força.

Suas ex.^{as} é que se desautorisaram como representantes do povo, porque o povo não lhe quiz dar ouvidos, e n'este caso em nome de quem estão estes cidadãos no parlamento perturbando a ordem?

Parece-nos que, se o governo estava um tanto embarçado para abrir o parlamento, a opposição que lhe criou esses embarços é a propria que lhes facilita agora o cumprimento da lei, que manda ter o parlamento aberto tres mezes em cada anno.

Os deputados que tanto se exaltaram, não podem deixar de virem mansos com a lição que apñharam, em que o paiz bem affirmou que o que quer é governo e não palavrados de sujeitos que lhe fallam em Liberdade, quando elle se vê abarbadado com as questões economica e social, que são hoje as questões vitaes dos povos.

Fallar hoje em liberdade ao povo é estar um seculo atrazado. Hoje a lucta é outra; é a lucta pelo capital, pelas commodidades da vida, pela commodidade dos bens, a que a liberdade, já conquistada, deu direito.

A politica tem que se orientar por este norte, e vós senhores politicos que trazeis as vossas cabeças cheias de palavras e vasias de ideas, é muito melhor que estudeis a serio as questões economica e social que são os grandes problemas a resolver n'este final de seculo em que vamos.

Emquanto o parlamento se conserva fechado, o governo tem feito dictadura; tem-se recomposto e até se tem agraciado na pessoa o senhor ministro do reino, que aproveitou a vaga deixada pela morte do sr. João Chrysostomo de Abreu e Sousa venerando e respeitavel membro do partido progressista, para se nomear conselheiro de Estado effectivo.

Fragilidades humanas de que ninguem está livre, desde que os Catões morreram todos.

Verdade seja que elles não morreram de ridiculo.

A recomposição ministerial constou da sahida do sr. Neves Ferreira da pasta da marinha, e da entrada do sr. Ferreira d'Almeida para a dita pasta.

Esta mudança fez-se sem pôr escriptos, tomou-se o logar de trespasse com consentimento do senhorio, e assim foi sahir um e entrar outro, sem mais novidade.

Nem se chegou a explicar bem porque sahia o sr. Neves Ferreira, parecendo que a versão mais

acceptavel é a do resultado do processo Castilho, que terminou pela absolvição dos supostos réus.

Entretanto o novo titular da pasta da marinha, o sr. Ferreira d'Almeida, tomou posse no dia 10 do corrente, e para que se não diga que lhe falta espirito reformador, principiou por mandar levantar os tapetes do seu gabinete de ministro, declarando que só queria as taboas de pau do chão de madeira lavado a côco e agua.

E' significativa e promettedora esta lavagem, e estamos certos que não será uma simples *posse* banal do novo ministro.



CONSELHEIRO JOSÉ BENTO FERREIRA D'ALMEIDA,
NOVO MINISTRO DA MARINHA

O sr. José Bento Ferreira d'Almeida é natural do Algarve; nasceu em Faro a 7 de julho de 1847 e assentou praça de aspirante de marinha em 1867. Capitão de fragata, já desempenhou comissões de governo no ultramar.

Desde 1874 que tem sido eleito deputado em successivas legislaturas e a sua individualidade de parlamentar não é das que menos se tem affirmado com vigor, na camara.

Uma folha regeneradora diz que é grande a lista de serviços que o sr. Ferreira d'Almeida tem prestado ao seu partido, e nós cremos que assim será, visto que o governo o escolheu para a pasta que o sr. Neves Ferreira deixou vaga.

Que o sr. Ferreira d'Almeida possa continuar com as lavagens que mandou fazer é o que muito desejamos e estimamos.

Antes de terminarmos sempre diremos que os patriotas da Colligação Liberal vão agora explorar o pagamento dos impostos, aconselhando o povo a não os pagar.

E' preciso, porém que suas ex.^{as}, para serem coherentes, declarem se não recebem tambem os ordenados que tem como funcionarios do estado.

Nós sempre vamos para a porta da thesouraria, no dia 31 vêr se apparecem por lá com o seu recibosinho.

João Verdades.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» Para 1895

Está publicado e á venda este interessante anuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando a Batalha das Flores no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.^{as}